



---

**Andarilhar pandêmico em foto-poéticas rizomáticas**

---

**Pandemic walking in rhizomatic photo-poetics**

---

**Deambular pandêmico em foto-poéticas rizomáticas**

---

Tiago Amaral Sales<sup>1</sup>Fernanda Monteiro Rigue<sup>2</sup>**Resumo**

Em meio ao caos pandêmico, nos colocamos atentos aos nossos trajetos e à vida que urgia. A partir dessa qualidade da atenção e contaminados por leituras da Filosofia da Diferença, realizamos registros fotográficos e, posteriormente, experimentações visuais com estas fotos, criando narrativas rizomáticas ao andarilhar pelos nossos territórios de pesquisa-vida, criando paisagens outras, em experimentações.

**Palavras-chave:** Ensaio visual; Rizoma; Experimentação.

**Abstract**

Amidst the pandemic chaos, we paid attention to our paths and the urgent life. Based on this quality of attention and contaminated by readings of the Philosophy of Difference, we made photographic records and, later, visual experiments with these photos, creating rhizomatic narratives as we walked through our life-research territories, creating other landscapes, in experiments.

**Keywords:** Visual essay; Rhizome; Experimentation.

---

**Submetido em:** 23/08/2021 – **Aceito em:** 30/08/2021 – **Publicado em:** 17/12/2021.

<sup>1</sup> Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas, Mestre em Educação e Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do UIVO – Criação, arte e vida (UFU); e do GPECS – Gênero, corpo, sexualidade e educação (UFU). Bolsista CAPES. E-mail: [tiagoamaralsales@gmail.com](mailto:tiagoamaralsales@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora (2020) e Mestra (2017) em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Licenciada em Química pelo Instituto Federal Farroupilha – Campus São Vicente do Sul (2015). Professora do curso de Licenciatura em Química do Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal - Universidade Federal de Uberlândia (ICENP/UFU). E-mail: [fernanda\\_rigue@hotmail.com](mailto:fernanda_rigue@hotmail.com)



### Resumen

En medio del caos pandémico, prestamos atención a nuestros caminos y a la vida urgente. A partir de esta calidad de atención y contaminados por lecturas de la Filosofía de la Diferencia, realizamos registros fotográficos y, posteriormente, experimentos visuales con estas fotos, creando narrativas rizomáticas mientras deambulamos por nuestros territorios de investigación de vida, creando otros paisajes, en experimentos.

**Palabras-clave:** Ensayo visual; Rizoma; Experimentación.

Andarilhar em devir-nômade, costurar linhas de vida, trilhar caminhos desconhecidos e que, em muitos momentos, se mostram inóspitos: eis a nossa experimentação viva, professores(as) e pesquisadores(as) em educação, nos colocamos em movimento para habitar o contexto pandêmico em decorrência da covid-19. Estar atento em conexão ao que há de vívido para se aprender - “Aprender a estar vivo é aprender. Por isso parece-nos tão consistente pensar em estar atento ao que o mundo nos convoca, assumindo o risco de um viver que afirma o que chega, somando forças” (RIGUE; DALMASO, 2020, p. 146).

A partir do acontecimento-covid-19, foi-nos demandado uma capacidade de nos adaptarmos que, até então, desconhecíamos. Adaptar-se ao novo, mudar de roupa, acrescentar novas roupas, máscaras, adentrar os territórios cibernéticos, preencher-nos de afetos tecno-virtuais. Mudanças para sobrevivência. Uma (re)adaptação, um universo outro que, forçosamente, nos foi imposto. Um mundo que era também por nós criado. Será que os caminhos que trilhamos eram os únicos? Haveriam outros? Para além da dualidade que poderia nos leva a crer em caminhos únicos e ambíguos, foi necessário seguir caminhando, escrevendo, lecionando, pesquisando. Respirando? Vivendo...

Entre uma leitura e outra, entre um ciberencontro e uma pausa para o café, encontrávamos a chance de vivenciar o movimento intensivo da experiência de entrar em contato com as múltiplas sensações decorrentes do isolamento social, inaugurando um multiverso colorido de contágios e pulsões que nos tocaram como convites para viver no mundo. Ora obscuro, tenebroso, medonho, ora germinativo e contaminante na força que a vida se apresentava ao ser colocada em extremos, fomos aprendendo a caminhar, seguindo e abrindo janelas para respirar.

Notamos que as janelas que dispúnhamos já não davam conta dos tantos ares que nos atravessavam nestes novos processos de existir. Talvez nossos modos de olhar para as janelas, de nos debruçarmos e imaginarmos um fora como algo apartado do “dentro” de nossos lares, também já não dessem conta de tantos sufocamentos, necessidades de sobreviver e de aprender a viver de outras maneiras. Abrimos a janela do computador na busca por outros modos de respirar. Nossos rostos enquadrados por molduras

virtuais nos fazem perceber as tantas outras janelas que solicitam abertura. Nos ocorre que essas aberturas não pedem passagem apenas como recortes das paredes arquitetônicas, mas exigem que nossos corpos encontrem aberturas para novas sensações. Para não sucumbir à ausência de abraços-físicos precisam se abrir a outros modos de abraçar: pela palavra, pela imagem digital, pelo olhar que sorri, pelo aceno que acalenta (SALES et al, 2020, p. 378).

Abrimos quantas janelas foram necessárias. Janelas nas telas, nas paredes, nos livros, nas máscaras, nos olhares. Janelas-aulas, janelas-pesquisa, janelas-encontros. Nos abrimos para os inéditos viáveis, encarando-os como se apresentavam e também neles atuando, fabulando, criando, em devir.

Nessas tantas janelas - e para além delas -, registrar o que vivíamos tornou-se uma demanda vital, uma necessidade para podermos digerir o que nos atravessava. Assim, nos colocamos no movimento de rascunhar registros que fossem possíveis de criar arquivos sobre nossas vivências, resistências e re-existências nestes contextos. Os registros fotográficos foram uma dentre as tantas possibilidades de criar arquivos, e nos movimentaram, ganhando corpos pelas imagens.

Nos colocamos em conexão com a própria oportunidade de perceber as modulações intensivas que nos afetam, como pesquisadores e pesquisadoras, inseridos em um inconsciente cafetinado, como aponta Suely Rolnik (2018), o qual nos subjetivou e continua subjetivando pela via de um aligeiramento cansativo, reprodutor e cinza, sugando nossa força vital, capturando nossos desejos. Inspirados em Rolnik (2019), questionamos: Quais possíveis surgiam destas constatações que poderiam nos possibilitar uma fuga para uma vida não cafetinada, para romper com as tramas que nos aprisionavam, que capturavam nossos desejos, vontades e forças?

Pelos olhos atentos e câmeras dos celulares, registramos alguns momentos que, posteriormente, revisitamos e neles atuamos. A fotografia e sua manipulação digital foram formas de registrar encontros e, a partir deles, criar, produzindo narrativas sobre o mundo que atravessávamos e o que nos permeava. Um mundo em janelas, telas, telas-janelas, máscaras, distanciamentos, perigos e também cores, cheiros e sabores.

Habitamos nas palavras lidas, ditas e escritas, nas imagens vistas, nas paisagens contempladas, nos cliques, nas luzes enquadradas em foto-janelas, nas edições, nas composições e novas paisagens criadas. Rizomas?

Os rizomas repudiam qualquer forma de generalidade. As conexões não manifestam verdade alguma quanto ao que é comum além da multiplicidade heterogênea

rizomática – além da multiplicidade de significações pragmáticas distintas associadas à “magia” com relacionadas ao que chamamos de política, cura, educação, artes, filosofia, ciências, agricultura ou qualquer ofício que requeira ou dependa de uma capacidade de nos envolver com uma atenção metamórfica relevante (STENGERS, 2017, p. 14).

Inspirados no conceito de rizoma proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011) e nos deslocamentos que Isabelle Stengers com ele faz, colocamo-nos atentos para as possibilidades de rizomar. Buscamos reativar o animismo em nossa vida e experimentações, percebendo que “[...] o animismo poderia ser o nome atribuído a essa arte rizomática” (STENGERS, 2017, p. 15).

Em rizomas, criamos experimentações fotográficas como possibilidade de reativar o animismo em nós, de movimentarmos-nos em uma arte rizomática, em conexões, no meio, entre arte, ciência, filosofia e educação, encontrando formas outras de habitar o mundo, de criar mundo. Costuramos imagens na produção de um arquivo do que nos afetou e possibilitou respirar, mesmo quando faltava ar.

Assim, apresentamos um arquivo poético pandêmico: uma coletânea de imagens, experimentações, criações vivas em suas simplicidades, potentes em suas multiplicidades. São treze poéticas-visuais-ensaísticas produzidas por nós, viventes, pesquisadores(as), educadores(as) que buscamos, dia após dia, formas de sobreviver, viver, resistir e re-existir. Para sua criação, nos inspiramos em nossos encontros com céus, telas, flores, panelas, pratos, canecas, máscaras, folhas, livros, leituras, janelas, e... e... e... em uma multiplicidade de linhas que foram se entretecendo, em devires - devir-fungo, devir-ipê, devir-caos, devir-inumano, devir-andarilho, devir-vírus... - compondo paisagens.

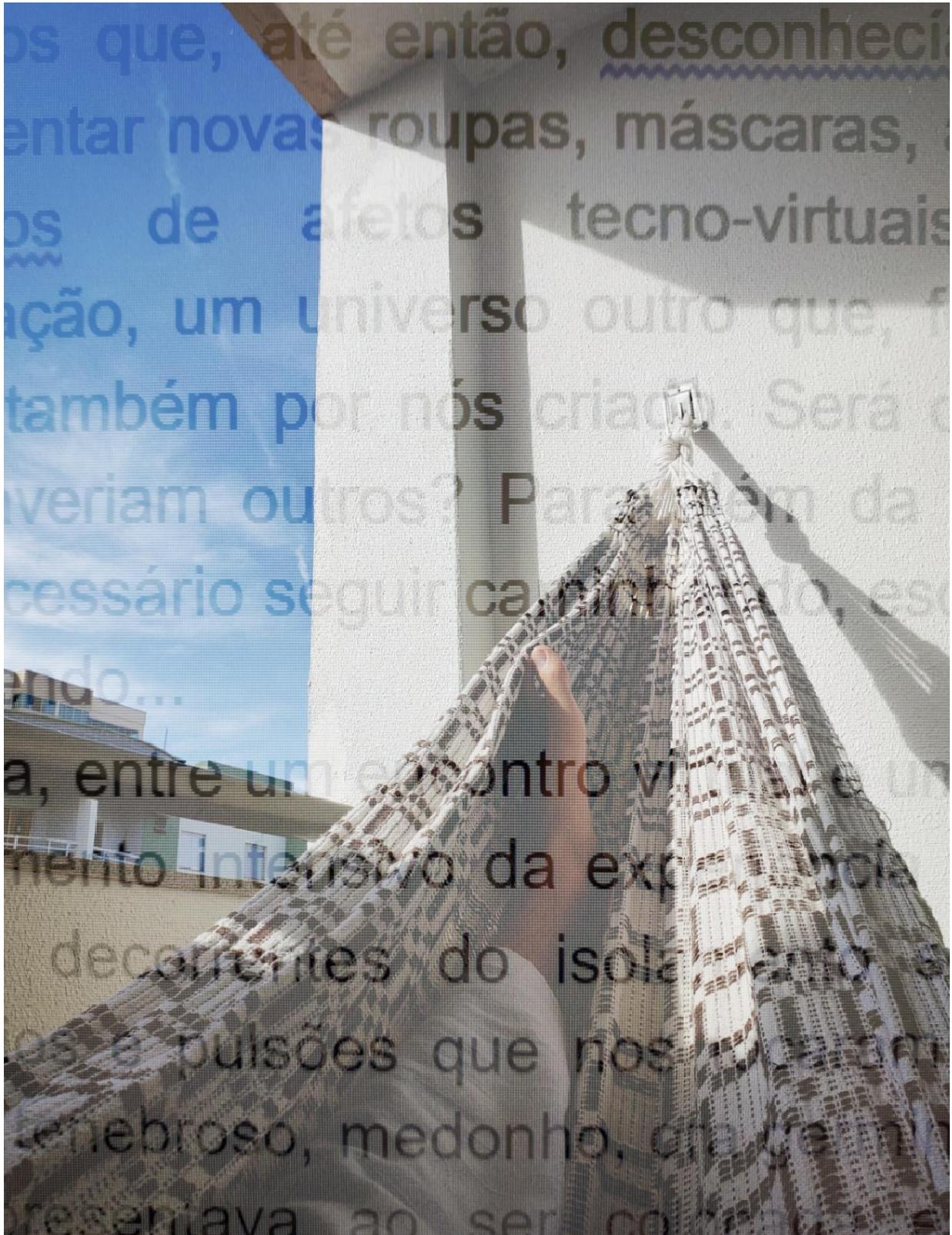
Cada imagem tem sua vida e fala por si. Seu processo criativo se deu de forma livre, por meio de sobreposições de cliques e edições simples, intuídos pelas vibrações que percebemos nos encontros entre fotos e o que ressoava em cada imagem que se permeava, nos permitindo experimentar, andarilhar entre cores e momentos, rizomando. O desejo de contaminação pelos encontros percorreu as experimentações visuais na medida em que tanto o medo quanto a vontade de encontrarmos-nos e nos contaminar subjetivamente preencheu nossos cotidianos pandêmicos. Buscamos fugir de qualquer representação ou tentativa de explicar as imagens. Elas, em suas vidas, criam possibilidades de andarilhar, em rizomáticas múltiplas. Assim, convidamo-los a percorrer este arquivo vivo de foto-poéticas.







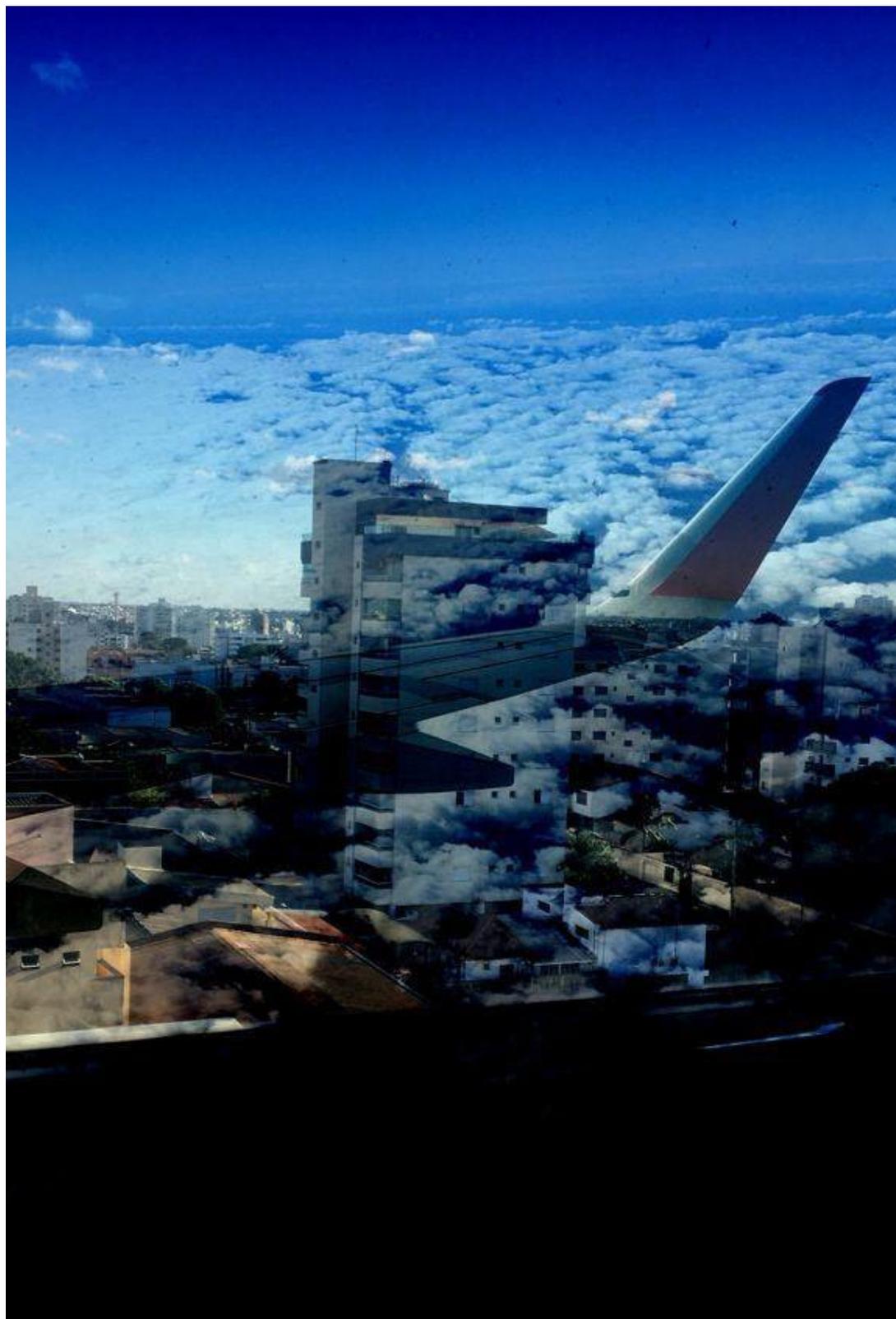






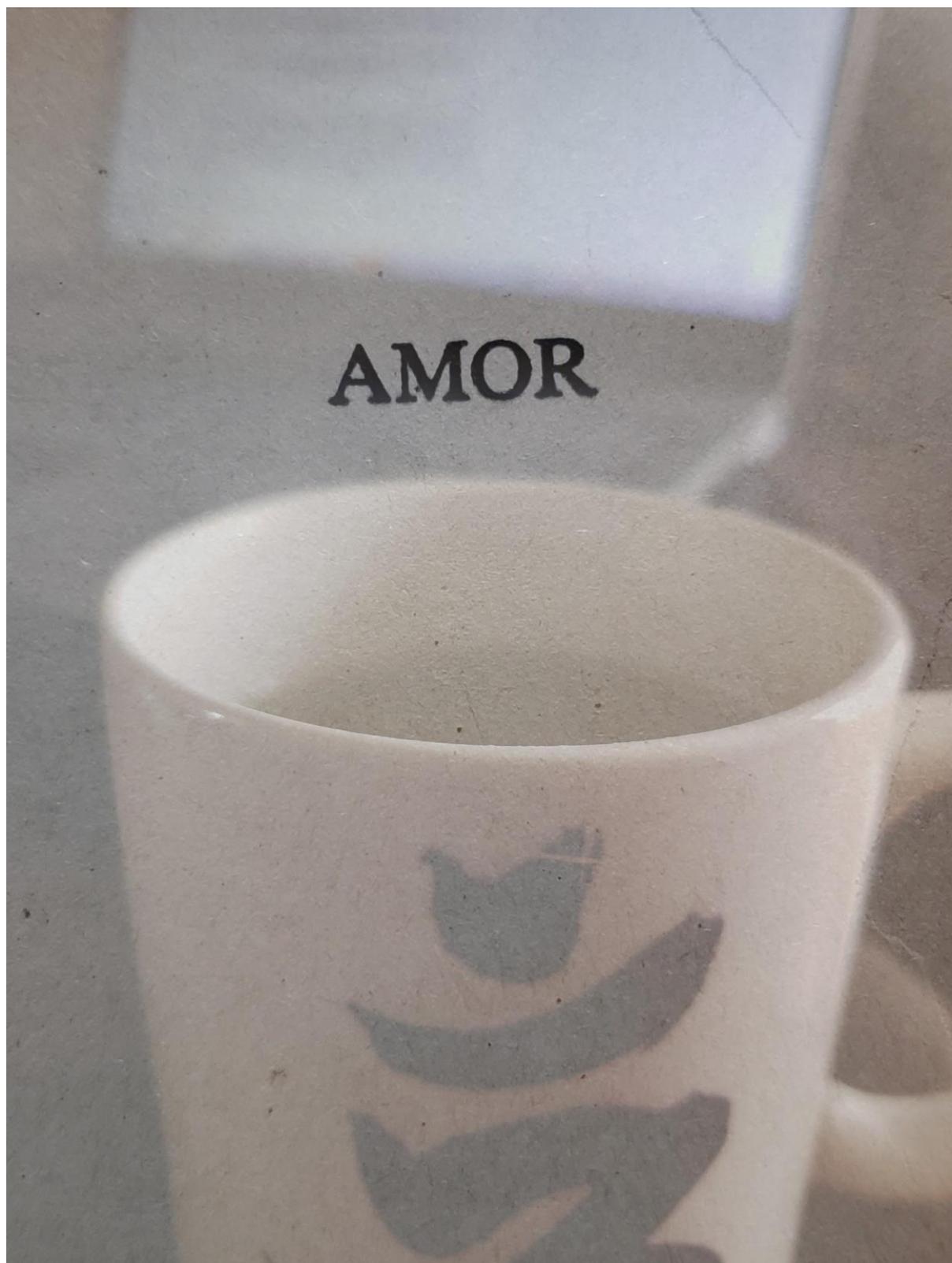
















### Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2011.

RIGUE, F. M.; DALMASO, A. C. Estar vivo: aprender. **Revista Criar Educação**, Florianópolis, v. 9, p. 130-147, 2020.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 208 p.

SALES, T. A.; VAZ, T.; GARLET, F. R.; ESTEVINHO, L. de F. D.; LOURENÇO, K. G.; BORGES, N. C. M. [Tricotando janelas](#): encontros e desencontros à espreita de um pesquisar. **ALEGRAR**, Campinas, v. 26, ago./dez., p. 375-392, 2020. Acessado: 20 dez. 2020.

STENGERS, I. **Reativar o animismo**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2017. (Caderno de Leituras n. 62)



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.